

## Desrespeito ao Vernáculo

Carlos R. Souza-Dias\*

Na antiga Roma, *verna* era o escravo nascido na casa do senhor. De verna formou-se vernáculo, que significa o idioma próprio do país.

Está-se tornando cada dia mais freqüente o médico falar em público. Entretanto, o vernáculo tem sido muitas vezes tristemente desrespeitado. Como conseqüência de ter sido o ensino do português criminosamente descurado nas escolas durante muito tempo, as últimas gerações apresentam um desconhecimento profundo da língua, que se manifesta por clamorosos e freqüentes erros de gramática. A pobreza de vocabulário leva a impropriedades às vezes cômicas. Certa pessoa considerada de notório saber, ministro de Estado ou professor emérito, profere em seu discurso uma palavra ou expressão imprópria, errada ou inadequada. Alguns ouvintes, crendo estar sendo eruditos, passam a incidir no mesmo erro a torto e a direito, perpetuando e disseminando a aberração como plumas ao vento. E o que é ainda mais grave, muitos artigos científicos publicados nas revistas oftalmológicas nacionais estão mal escritos e evadidos de erros.

Alguns têm alegado que o idioma deve ser dinâmico, adequando-se às necessidades do momento histórico. Concordo, mas insisto em que as adequações sejam realizadas de modo correto, obedecendo a regras, sob pena de passarmos a dizer "nois vai" e outras aberrações, destruindo um precioso patrimônio de um povo, que é o seu vernáculo. A tecnologia moderna exige, certamente, a criação de neologismos, mas muitas vezes eles são desnecessários, pois já existem palavras que exprimem perfeitamente o que se deseja dizer. Este é um erro freqüente no novo "informatês".

Comento aqui alguns desses erros e impropriedades, não todos, pois isto ocuparia boa parte desta revista. Num primeiro grupo, relaciono certos modismos, a que prefiro chamar "eruditismos", dificilmente se ouve uma palestra sem que algum ou alguns deles apareçam, às vezes insistentemente.

**Até porque...**: "O Corinthians tem capacidade de jogar melhor, **até porque** já chegou a ser campeão paulista". "O Rubinho pretende mesmo continuar na Jordan, **até porque** já assinou contrato". O que significa essa nova expressão, que se espalha ultimamente como rastilho de pólvora? Por que não dizer "... **pois** já chegou a ser campeão paulista" e "... **até** já assinou contrato"? A expressão tem sido usada nas situações mais insólitas.

**A nível de...**: Já de início, a regência de nível é **em** e não **a**

(como ocorria na mídia, em que sempre se dizia "televisão a cores"; felizmente corrigiu-se o erro e hoje se diz "em cores", graças à feliz intervenção do Professor Napoleão Mendes de Almeida). A palavra nível possui dois significados: 1) refere-se à horizontalidade - um objeto está em nível (ou nivelado) quando horizontal (para aferir a horizontalidade, há aquele instrumento utilizado pelos pedreiros, o "nível"); 2) diz respeito à altura, como em "cem metros acima do nível do mar". Neste sentido, é utilizada também, por analogia, para indicar hierarquia, como "em nível universitário" e "em nível ministerial", ou qualidade, como "o nível do ensino do português tem melhorado" ou "esse professor profere aulas de muito bom nível". Hoje, emprega-se a palavra com significados os mais disparatados, como "a nível da esclera, não havia alterações" ou "a nível de ensino, o serviço está muito bem". Pode estar errado, mas é muito mais "bonito" dizer "a nível da esclera" que simplesmente "na esclera" ou "em matéria de ensino ou em relação ao ensino", expressões tão vulgares (?).

**...o mesmo**: "Sinto falta da minha mãe; hoje irei à casa *da mesma*" ou "Amanhã irei à casa do meu pai e falarei com o *mesmo* sobre o assunto". Com que freqüência ouvem-se orações como estas! Por que não dizer "...hoje irei à **sua** casa" e "...falarei com **ela** sobre o assunto"? *Mesmo* é um demonstrativo, aqui usado erroneamente com função pronominal. *Mesmo*, pronome adjetivo, acompanha sempre um substantivo, como em "Irei à missa e à festa com **a mesma roupa**" e "Ambos namoram **a mesma garota**".

**Visualizar**: Quantas vezes tenho ouvido frases como "Foi difícil visualizar a retina porque o vítreo estava turvo". Visualizar significa "ver com a imaginação". Garanto que sou capaz de visualizar perfeitamente, de olhos fechados, uma retina de um olho portador de catarata madura. Por que desvirtuar o significado de uma palavra tão útil? Quando quisermos usar o termo visualizar com o seu significado real, já não mais o teremos disponível, pois estará, por força do mau uso, significando outra coisa. O idioma conta com várias palavras, com sutis diferenças semânticas entre elas, para utilizar-se nessa oração: ver, enxergar, vislumbrar, entrever, lobrigar, avistar, discernir e distinguir. Com toda essa riqueza, por que escolher um termo errado? Porque é mais "elegante"?

**Em córnea**: não posso entender por que essa tendência atual de eliminar o artigo definido em determinadas situações. Colegas (infelizmente muitos!) crêem estar falando elegantemente quando dizem "notava-se uma lesão em córnea, em íris ou em retina". Somente pergunto: por que essas pessoas não dizem "vou entrar em piscina" ou "sente-se em cadeira"?

**Patologia**: parece que já trocamos definitivamente as pala-

\* Livre-Docente de Oftalmologia pela Universidade Federal de S. Paulo/EPM.  
Prof. Titular de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

bras doença, enfermidade, moléstia e afecção por patologia - "O paciente apresenta uma patologia corneal". Patologia é o nome da ciência que estuda as doenças. O que o paciente tem é uma afecção corneal e não uma patologia.

**Tecnologia, sintomatologia e metodologia:** "Qual a tecnologia empregada na preparação desse remédio?" "O paciente apresentava uma rica **sintomatologia**"; "Qual foi a **metodologia** utilizada na sua pesquisa?" Tal como patologia, tecnologia é o estudo das técnicas, sintomatologia é o estudo dos sintomas e metodologia é o estudo dos métodos. O que se empregou na fabricação do remédio foi uma **técnica**; o que o paciente apresentava eram muitos **sintomas** e na realização da pesquisa utilizou-se um **método**. Por isso diz-se "Material e Método" e não "Material e Metodologia". Está certo dizer que a tecnologia farmacêutica está muito avançada; a *tecnologia* indica qual a *técnica* mais indicada a ser empregada em determinada eventualidade.

Outro grupo de erros lingüísticos são os cacoetes verbais ou vícios de linguagem, que indicam geralmente insegurança do orador:

**Veja bem:** muitos não conseguem iniciar um período sem dizer antes: *veja bem*. É uma expressão supérflua e, quando repetida, deselegante, como todos os vícios de linguagem.

"A conjuntiva, **ela** estava hiperemiada"; "O médico, **ele** deve estudar". Para que repetir o sujeito? O interlocutor já sabe que o orador quer referir-se à conjuntiva ou ao médico, para que esse pronome? Esse antipático vício está generalizado em nosso meio, como uma epidemia.

**Tá?** Como é comum ouvir-se um conferencista, ao mostrar com o apontador uma estrutura no seu diapositivo, dizer: esta é a córnea, **tá?** Sinto vontade de responder: tô! Sua repetição exaustiva é uma metralhadora auditiva. Não há ouvido sensível que resista a tamanho ataque bélico.

O terceiro grupo de erros a que quero referir-me é o dos que são praticados por puro desconhecimento de gramática.

**"Houveram cinco casos":** já no curso primário ensinaram-me que o verbo haver, com significado de existir, não flexiona. O correto é dizer "**houve** cinco casos". O mesmo ocorre com o verbo fazer, com significação temporal: "**Fazem** cinco anos que me formei", o certo é "**Faz** cinco anos...".

**Crase:** tenho ouvido dizer: "Neste seu *a* está faltando a crase". O que está faltando é o acento grave que indica a existência da crase de a+a (preposição e artigo). Ela existe, com ou sem o acento; é preciso saber reconhecê-la e colocar o acento. Crase é a fusão de duas vogais idênticas. É muito difundido o desconhecimento do que seja a crase. É enorme a quantidade de erros que tenho observado, como: "O acesso restringe-se à uma pessoa por computador", "Uma vez na BBS você terá acesso à jogos *on line*...", "Por amar o meu filho, à ele dedico estes versos", "Acesso à balsa". No primeiro exemplo, não há o *artigo a*; o correto é "restringe-se a (preposição) uma pessoa". A crase existe quando deve estar

presente o artigo definido *a* (feminino). Há um truque muito fácil para que se saiba se o tal *a* recebe ou não o acento indicador da crase: substitui-se a palavra feminina por uma masculina e verifica-se se no caso se usa o artigo *o*; se ele é utilizado, então há crase. Caso contrário, não há. É claro que, antes de palavra masculina, não existe crase; se não cabe o artigo *o*, deixe-se sozinha a preposição. Exemplos: Este programa é dedicado à mulher (ao homem); Por amar meu filho, **a** (apenas a preposição) ele dedico estes versos (note-se que não se diz ao ele); então diga-se: "por amar minha filha, **a** ela dedico estes versos"; Acesso à balsa (veja: acesso **ao** (preposição + artigo) pontão - não se diz **a** pontão). O assunto não é difícil; basta saber o que é a crase e depois pensar um pouco, o que exige apenas vontade de acertar.

**Enquanto que:** este *que* não existe. A conjunção temporal *enquanto* significa *no tempo em que* ou *durante o tempo que* (Gosto de ouvir música *enquanto* leio). Mas pode ser usada também com sentido adversativo, com o significado de *ao passo que*. Devido à analogia semântica, muitos associam este *que* também ao *enquanto* (*enquanto que*). Erro muito freqüente.

**Examinou-se 5 crianças...:** os que cometem este erro clamoroso pensam que o *se* é o sujeito da oração, como se fosse "Examinou ele 5 crianças". Esse *se* não é sujeito, não corresponde a *ele*, é apenas um pronome apassivador. Serve para indicar que a oração está em voz passiva, ou seja, que o sujeito é paciente do verbo e não agente. No exemplo, criança é o sujeito, que recebe a ação; corresponde a "Cinco crianças foram examinadas". Ora, se o sujeito está no plural, o verbo também deve estar; diga-se "*Examinaram-se* 5 crianças". No exemplo acima, é como se dissesse: "Cinco crianças foi examinada". Este erro repete-se com grande freqüência em outras frases, como Aluga-se casas, Conserta-se relógios etc, esparsas abundantemente por toda a cidade.

A ciência exige precisão semântica. As palavras devem ser usadas com significados precisos, como visualizar, que citei acima. Há dois termos que costumam ser utilizados indiferentemente, mas que têm significados distintos, o que é muito útil em medicina: **trauma** e **traumatismo**. Trauma é a consequência do traumatismo. O sufixo *ismo* aqui indica ação, como o sufixo *izar* em traumatizar. A martelada na cabeça é o traumatismo e a consequente fratura do crânio é o trauma. O ato cirúrgico é um traumatismo psicológico para a criança; sofrerá ela o trauma por muito tempo, se não se tomarem certas precauções.

#### **Agradecimento**

Agradeço ao meu colega e amigo Cássio Galvão Monteiro, ao meu professor Napoleão Mendes de Almeida e ao meu amigo e consogro Professor Antonio Giannella, pelos ensinamentos que me têm proporcionado no campo deste tema apaixonante, que é o nosso idioma, e pelos subsídios que me forneceram na elaboração deste artigo.